

Só a paixão continua igual

A comparação entre as histórias das professoras Ângela e Luciana, mãe e filha, ambas apaixonadas pelo que fazem, mostra que os tempos mudaram. A mãe, Ângela d'Araújo, professora há mais de 30 anos, lembra que o salário que ganhava como professora primária, no início da carreira, sobrava no fim do mês. Luciana, a filha, só mantém seu padrão de vida porque mora com a família.

"Fiz todo o enxoval do meu casamento com meu próprio dinheiro, sem nenhum aperto", lembra Ângela. "Não era um ótimo salário, mas não era aviltante como hoje. Dava para pensar em alugar uma casa, em começar a vida". Além do salário ser maior, Ângela — que faz questão de revelar que começou dando aulas no primeiro grau — concorda que a atitude social em relação aos professores mudou muito. "Antes os pais dos alunos tinham total confiança no professor, era uma profissão até comparável com a dos médicos e advogados, do ponto de vista de prestígio", conta ela, atualmente professora da Faculdade de Educação da UFRJ.

Depois de 10 anos no primeiro grau, Ângela foi lecionar na Escola Normal Azevedo Amaral. Lá, no final da década de 70, ela sentiu o reflexo do início da deterioração da carreira: cada vez mais alunas hesitavam em seguir a profissão. Também a qualidade do conteúdo do currículo foi mudando. "Antes os professores tinham que estudar mais e melhor".

Luciana d'Araújo, filha de Ângela, cursou Letras na UFRJ e confessa nunca ter sonhado em tornar-se uma professora. Mas, aos poucos, foi se dando conta de que o curso que havia escolhido não lhe deixava muitas opções. Hoje, após quatro anos dando aulas de Francês no Colégio de Aplicação da UFRJ, ela é apaixonada pelo que faz — apesar de, com o salário que ganha, não ser capaz de reproduzir o padrão de vida a que se habituou. "Para manter minha independência, em vez de Ipanema, eu teria que morar num subúrbio".

Outra opção que Luciana teria para manter seu padrão de vida — ou pelo menos próximo do desejado — seria se desdobrar em vários empregos — o que os professores do estado e do município fazem simplesmente para sobreviver. "Mas trabalhar em mais de um lugar significa reduzir a qualidade do meu trabalho, o que não quero", diz. Ângela revela que há vinte e pouco anos era raríssimo encontrar professores com mais de um emprego. "Não precisava". Algumas pessoas se surpreendem quando Luciana revela que escolheu ser professora, como se fosse um desperdício colocar todo o seu preparo nessa atividade. "Como se me dissessem: mas você, tão preparada, vai ser logo professora", explica. Apesar de tudo, nenhuma das duas professoras quer mudar de profissão. "É uma atividade extremamente enriquecedora", dizem em coro.